

Estratégia da resistência

Cláudio Skora Rosty^a

Resumo: As invasões da Companhia das Índias Ocidentais ao Nordeste do Brasil durante o século XVII surpreenderam os portugueses, que não dispunham do poder militar necessário à defesa de sua colônia mais importante. Para se verem livres do invasor, os luso-brasileiros desenvolveram uma forma de guerrear própria, baseada em emboscadas e ações de inquietação, quebrando a vontade de lutar do inimigo ou sua disposição de atuar fora dos muros das cidades. Nascia assim a versão luso-brasileira da Guerra Brasília, forma genuinamente nacional de combate e primeiro emprego efetivo da atual Estratégia da Resistência. O presente artigo discute o conceito dessa estratégia, apresentando o exemplo histórico da guerra irregular empreendida contra os invasores neerlandeses.

Palavras-chave: Estratégia da resistência, invasões holandesas, guerra irregular.

Conceitualmente, a Estratégia da Resistência é uma das Estratégias de Segurança adotadas pela Nação, que consiste em desgastar, por meio do conflito prolongado, um poder militar superior, buscando enfraquecer seu moral e sua vontade de lutar, pelo emprego continuado de ações não convencionais e inovadoras, como, por exemplo, a tática nativa de guerrilhas.

A Estratégia da Resistência adota uma atitude defensiva no campo estratégico e, no entanto, no campo tático, adota uma postura ofensiva. É uma estratégia do desgaste, que emprega ações táticas não regulares contra as forças invasoras militarmente superiores.

Essas ações táticas não regulares podem ser conduzidas por forças

^a Coronel de Infantaria. Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



convencionais, atuando fora dos padrões regulares de guerra, e por forças propriamente constituídas para esse tipo de combate, como o Bispo D. Marcos Teixeira, Matias de Albuquerque e seus comandados fizeram na primeira resistência contra o invasor mercenário em terras brasileiras. Nessas operações, as ações psicológicas assumiram papel fundamental, principalmente, para a conquista da opinião pública.

Historicamente, a aplicação da estratégia da resistência nas invasões holandesas ocorreu em quatro fases bem definidas:

1ª fase: da preparação da resistência, antes do combate;

2ª fase: da resistência inicial, retardamento e internamento, apoiado por um ponto forte;

3ª fase: do combate de resistência, propriamente dito; e

4ª fase: da luta pela libertação.

Tanto como ocorreu em 1624, na Bahia, quanto em 1630, em Pernambuco, o início dos combates foram favoráveis ao invasor, por te-

rem a seu favor a vantagem estratégica, da massa e da surpresa. As manobras táticas nas operações de resistência contra os invasores holandeses se caracterizaram pelo conjunto de ações, que visaram desgastar psicologicamente as forças invasoras, tirando-lhes a vontade de lutar, pela execução de operações de resistência, por meio das companhias de emboscadas, na guerra brasileira.

RESISTÊNCIA À PRIMEIRA INVASÃO HOLANDESA

Na primeira invasão holandesa, as quatro fases do combate de resistência estiveram presentes e se desenvolveram em um curto espaço de tempo.

A primeira fase, a de preparação da resistência, ficou caracterizada com as típicas medidas de defesa territorial, pois o governador-geral do Brasil Diogo de Mendonça Furtado, tão logo recebeu a notícia da invasão, providenciou a colocação de peças de artilharia em vários



locais fortificados e convocou a população civil para auxiliar na defesa.

A fase da resistência inicial, retardamento e do internamento ficou caracterizada com o desembarque próximo do Forte de Santo Antônio, com a conquista da Porta de São Bento, com o aprisionamento do governador Mendonça Furtado, com a queda da capital da colônia brasileira (Salvador), até a ocupação pelos luso-brasileiros do Arraial do Rio Vermelho.

Na resistência inicial foi alcançado o primeiro e grande impacto psicológico sobre o invasor, quando o capitão Francisco Padilha matou o mercenário governador da cidade, Johan van Dort e quando, sobressaiu o vulto de D. Marcos Teixeira, liderando e organizando o primeiro centro da resistência baiana, no Arraial do Rio Vermelho.

A fase seguinte, a do combate de resistência propriamente dito, é o período mais duradouro do conflito. É a principal fase das ações de resistência. Nessa fase caracterizou-se o apoio externo, vindo reforçar e

consolidar as ações de desgaste sobre o inimigo, tanto física, como psicologicamente, como ocorreu em Salvador, pela guerrilha *mazomba* levada a cabo pelas 27 companhias de emboscada, sendo os invasores obrigados a retrocederem, para os limites da capital.

Na fase final, a luta pela libertação foi caracterizada pela chegada de D. Fadrique de Toledo, com a “Jornada dos Vassalos”, passando a ser o comandante do teatro de operações, pondo fim ao combate de resistência, passando a planejar e conduzir as operações convencionais, concretizando a expulsão dos invasores.

RESISTINDO À INVASÃO DE PERNAMBUCO

Na segunda invasão holandesa, também, as quatro fases do combate de resistência estiveram presentes, porém ocorreram em um espaço de tempo bem maior e com outras características.



A primeira fase, a de preparação da resistência começou, quando Matias de Albuquerque, desembarcou no Brasil, em 1629, como “Fortificador das Capitânicas do Norte do Brasil”, trazendo consigo três navios e 27 soldados. Novamente, medidas de cunho defensivo do território prevaleceram nessa primeira fase da manobra, que ficou caracterizada pelas típicas medidas de defesa territorial, com levantamento de áreas prováveis de desembarque, mobilização parcial da população, melhoria das fortificações existentes e implementação da instrução das tropas, buscando harmonizá-la com o ambiente operacional.

A fase da resistência inicial, retardamento e do internamento ficou caracterizada, com o desembarque na praia de Pau Amarelo, com a conquista do corte do rio Tapado e do rio Doce, com o retardamento da progressão inimiga em Olinda e, culminando com a posse do Recife. Seguiu-se o retardamento, com os combates de encontros pelas Companhias de Emboscadas, entre Olinda e Recife, impedindo o deslocamento e a circulação do inimigo,

abatendo-lhe o moral e possibilitando desta forma o internamento, ou seja, o estabelecimento do primeiro centro da resistência em Pernambuco, no Forte Real (Arraial) do Bom Jesus.

A próxima fase, a do combate de resistência propriamente dito, nesse momento, não pôde ser aplicada devido à traição de Calabar, surpreendendo os defensores, trazendo consequências diretas e irreparáveis.

As investidas flamengas contra Igarassu, Rio Formoso, Porto Calvo, aplicando a doutrina anti-guerrilha, conhecendo agora o terreno, os itinerários, a forma nativa de lutar e os locais favoráveis às emboscadas, conduziram as forças batavas a conquista do Pontal de Nazaré, do Forte Real (Arraial) do Bom Jesus e ao alargamento de suas conquistas no litoral nordestino. Mesmo assim, com esse forte golpe, que atingiu o moral, os luso-brasileiros continuaram mesclando ações regulares na defesa de pontos-fortes e em localidades, com as ações irregulares, incendiando fazendas e emboscando, desgastando os intrusos



nos seus pontos de partida, chegando até mesmo, a ameaçá-lo no Recife, como foi a audaz incursão de Soares Moreno.

A derrota na batalha da Mata Redonda, onde os lusos-espanhóis, comandados por um líder afoito, que acabou perdendo a vida em combate, lutaram de forma convencional, abrindo um precedente na continuação das incursões das Companhias de Emboscada sobre o território ocupado pelos invasores. Assim, os capitães como Felipe Camarão, Sebastião do Souto, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Rebelinho e outros levaram o combate de resistência a um patamar nunca antes alcançado, inclusive mesmo depois da chegada de Nassau e da sua campanha expansionista nas Alagoas, Sergipe e Maranhão. Foi a luta de resistência, aliada ao emprego de forças regulares que o detiveram em Salvador, em 1638, obrigando-o a retornar ao Recife, desgastado e derrotado.

A notícia do regresso de Nassau à Holanda foi suficiente para retemperar os ânimos dos patriotas e a reação tornar-se mais consistente do

que antes, dando início à quarta e última fase da Guerra de Resistência, que é a luta pela libertação, iniciada com a Insurreição Maranhense, em 1642, e com a Pernambucana, após o compromisso Imortal de Ipojuca, em 1645, quando João Fernandes Vieira, líder da resistência patriota, chamou de “luta pela liberdade divina”.

No início da Insurreição, o Pontal de Nazaré foi recuperado, tornando-se o porto de abastecimento de produtos vindos da Bahia e de outros locais, logo em seguida, foi erguido o novo centro de resistência, o primeiro Quartel General do Exército Brasileiro, em homenagem a Matias de Albuquerque e ao que foi, o primeiro reduto das tropas de resistência, passando a se chamar Arraial Novo do Bom Jesus.

As batalhas e as conquistas se seguiram, com destaque para a Batalha do Monte das Tabocas, onde os patriotas pela primeira vez derrotaram as tropas holandesas, em um combate direto, tornando possível o prosseguimento das ações ofensivas. E com as duas batalhas, que ocorreram nos Montes Guararapes,



ficando evidente a passagem de atuação de um exército irregular, com ações indiretas, para o regular sob o comando de Francisco Barreto de Menezes. Tornou-se forte em seus homens, em sua estrutura e organização. Essa tropa cercou a capital holandesa no Brasil e, aplicando as bem sucedidas técnicas de guerrilha, evitou que os invasores sitiados abrissem caminho pelo interior de Pernambuco, bem como, detendo aquelas forças, que tentavam apoiar-se nas capitânicas vizinhas.

Na Guerra da Restauração, a luta pela libertação atingiu o seu ponto máximo, quando os patriotas, com suas estâncias-redutos bloquearam e isolaram, por completo as forças invasoras no Recife, após as memoráveis conquistas nos Montes Guararapes.

E, em uma operação conjunta, os patriotas, aproveitando o bloqueio naval, realizado pela frota da Companhia de Comércio do Brasil, comandada por Pedro Jaques de Magalhães, em 1654, investiram sobre a Cidade Maurícia e imobilizaram o inimigo. Assim, os discípulos

de Matias de Albuquerque concluíam a última fase de sua manobra, expulsando definitivamente o estrangeiro invasor do nosso território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, no caso da concretização de uma hipótese de conflito na atualidade, onde a intervenção de organismos internacionais, com apoio militar e diplomático de potências do Primeiro Mundo, em algum rincão do nosso País, em especial na Amazônia ou no Pantanal, o emprego da Estratégia da Resistência é a mais adequada para se opor a eles.

Essa talvez seja a única solução para enfrentar, e derrotar o usurpador, assim como os nossos antepassados o fizeram contra a Companhia das Índias Ocidentais, preservando o patrimônio nacional, a soberania e a integridade territorial.